

## **CURRÍCULO, DOCÊNCIA, INTERCULTURALIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO HUMANA**

Autor: Érica de Araújo Figueiredo

Co autor: Tania Bazante

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. E-mail: ericaafigueiredo2015@gmail.com*

### **RESUMO**

Ao realizar uma pesquisa sobre o surgimento da palavra currículo e sua trajetória, podemos compreender como seu sentido passou a ter dois significados: o currículo que se refere aos trabalhos realizados pelo profissional e o currículo no sentido de determinar como e o que o aluno deverá aprender na sua trajetória escolar. Esses dois sentidos são derivados da palavra currículo em latim. Entender o aparecimento dessa palavra em nossa língua, nos permite refletir como o currículo escolar pode ser um regulador na formação humana, no momento em que passa a definir o que será ensinado, como isso se dará, o que será considerado nesse ensinamento e o que não será. A partir daí o conhecimento escolar, passa a ser mediado por várias estruturas, o que pode levar a assumir uma posição política e ideológica, favorecendo alguns grupos, assim como também envolver questões de poder, no momento que passa a destacar um fator como sendo o ideal. Ao favorecer uns grupos, automaticamente desfavorece outros, silenciando esses, o que resulta em debates e conflitos em torno do que deve ou não ser ensinado e aprendido. No Brasil, esses debates tomam sérias proporções. A cultura vem ser uma estrutura de grande importância nessas discussões da formação, assim como o papel das atividades docentes. O presente artigo tem por objetivo realizar um debate teórico utilizando trabalhos na área de currículo e docência, e assim definir os possíveis papéis desses dois na formação humana e assim garantir a identidade desse ser. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica realizada no portal de periódicos da CAPES. Dessa forma, pudemos concluir que o currículo tem suma importância e uma parte de responsabilidade na formação da identidade, na garantia da existência da cultura independentemente de onde o ser humano

esteja. Apresenta também uma certa obrigação em garantir essa identidade já que apresenta em seu contexto, questões de conhecimento.

Palavras chaves: Currículo, Docência, Identidade, Cultura

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de entender o significado e a função do currículo, traçamos uma trajetória do surgimento desse conceito na sociedade.

Analisando a história da palavra currículo, natureza e seu significado nos dias atuais através da obra de Sacristán (2013), saberes e incertezas sobre currículo, verificamos que o termo sempre manteve uma relação de classificação e destaque de elementos que estão envolvidos com o ato de ensinar. Currículo, palavra que desempenha uma função de organizar e unificar o ensino e a aprendizagem, criando uma fronteira “que delimita seus componentes, como por exemplo, a separação entre as matérias ou disciplina que o compõe”.

Sacristán, nesse mesmo livro, relata que a palavra currículo deriva do latim *curriculum*. Apresentando a mesma raiz das palavras *cursus* e *currere*. Por outro lado, Silva (2009) destaca que a palavra *curriculum* significa originalmente “pista de corrida”, pois deriva do verbo *currere* que em latim significa correr. Sendo assim é uma atividade e não um substantivo, uma coisa. Ao deslocar “pista de corrida” para “percorrer a pista”, compreendemos que “é como uma atividade que o currículo deve ser compreendido”, uma atividade que vai além da nossa vida educacional, mas sim a nossa vida inteira.

Em nosso idioma, a palavra adquire dois sentidos: um referente ao percorrer da carreira profissional e seus êxitos, e o outro referente ao que o aluno deverá aprender e como isso se dará. Na Roma Antiga era citado *cursus honorum*, e era referente a carreira que o indivíduo desenvolvia determinando a ordenação e a representação de seu percurso. Na Idade média o currículo organizava o conhecimento através de sete artes: a Gramática, Retórica, Dialética, Astronomia, Geometria, Aritmética e Música. Essa organização perdurou por vários séculos nas universidades europeias. Na cultura anglo saxã, o conceito se manteve válido, determinado pelo encontro de diversos movimentos sociais

e ideológicos, pela influência da Dialética em outras áreas de estudo, assim como pela visão organizadora do ensino e da aprendizagem. Aparece pela primeira vez na Universidade de Glasgow trazida de Genebra por acadêmicos calvinistas (SACRISTAN, 2013).

Numa conformação que persiste até os dias de hoje, o currículo apresenta o papel decisivo de regular o que será ensinado, como por exemplo, o conceito de turma o qual será definido como os alunos serão agrupados, as categorias que irão defini-los e classificá-los, dando espaço para as práticas de ensinar serem subdividas nas instituições educacionais, assim como um maior número de alunos admitidos nelas, o que acarretou na transformação do currículo em um importante regulador da organização de ensino, que irá determinar os conteúdos que serão abordados, quando serão abordados, ordenando também o tempo escolar, e o que determinará o progresso escolar. Sacristán (2013) define que “ao associar conteúdo, graus e idades dos estudantes, o currículo também se torna um regulador das pessoas”. Cita ainda o fato de que o ensino, a aprendizagem, os professores e os alunos passaram a ser orientados por um controle externo a partir do momento que estabeleceu uma ordem sequenciada ao ensino, delimitando conteúdos e períodos, o início e o fim os quais deveriam ter, impondo uma norma na escolarização, não permitindo fazê-lo diferente, de modo variável por exemplo.

Essa capacidade reguladora que o currículo apresenta, de delimitar o que será, como se dará o ensino e em que tempo, acaba por delimitar também o que não deveria, ou o que poderia ser ensinado. Isso vai criar, o que Sacristán vai chamar de cultura específica denominada conhecimento escolar, o qual será mediado por várias estruturas e contextos que compõem o ensino, dentre eles os agentes mediadores que são os professores, os materiais e livros didáticos (SACRISTÁN, 2013).

Outro ponto sobre a delimitação que o currículo traz, é o fato de quando seleciona determinados saberes e omite outros acaba expressando uma posição política-ideológica que passa a favorecer os interesses de alguns grupos. Essas presenças e ausências que constituem o currículo resultam em disputas, embates e conflitos culturais em torno do conhecimento, habilidades e valores que “consideram dignos de serem transmitidos e apreendidos”. Silenciando algumas vozes e acolhendo outras, o currículo produz

determinadas identidades raciais, sexuais, nacionais, podendo haver ou não relações de poder hegemônicas. No Brasil essas questões tomam proporções sérias no momento que a obtenção de um currículo etnocêntrico monocultural, elitista e excludente se encontra envolvido na expulsão de grande parte da população em idade escolar (CANEN E MOREIRA, 2005).

Corroborando com estes autores, Silva (2009), segundo a perspectiva pós estruturalistas, afirma que o currículo envolve questão de poder pois, selecionar é uma operação de poder, e o currículo quando seleciona o tipo de conhecimento, também está realizando uma operação de poder. No momento em que evidencia um determinado conteúdo, uma subjetividade, uma identidade como sendo a ideal, está realizando uma operação de poder. Afirma ainda que as teorias do currículo estão em um campo epistemológico social por garantir o consenso de obter hegemonia, e é a questão de poder que vai separar as teorias tradicionais, críticas e pós críticas do currículo (SILVA, 2009).

Esse mesmo autor relata que a diferenciação entre as teorias, parte principalmente das características do tipo de pergunta que cada teoria vai manter. As teorias críticas e pós críticas, perguntam por que determinado conhecimento será abordado e não outro? Por que privilegiar uma identidade (ou subjetividade) e não outra? ” Ou seja, ambas as teorias se preocupam com a conexão entre saber, identidade e poder, nos dando a possibilidade de ver a educação não apenas pela perspectiva de ensino e aprendizagem, mas também pelos conceitos de ideologia e poder (SILVA, 2009).

Não é novidade que a globalização trouxe o aumento de poder de organizações e organismos internacionais que determinam estratégias de desenvolvimento econômico, concentração da produção e do poder econômico, o que margeia uma grande parcela da população mundial. O espantoso desenvolvimento dos meios de comunicação, que usa como estratégia a produção de mercadorias que atendem os gostos e interesses de consumidores de todo o planeta homogeneizando as culturas de diferentes grupos sociais como as crianças, os jovens os idosos promove:

estímulo a criação de perfis culturais bem nítidos e demarcados e, com isso, a valorização da diferença, ao mesmo que se procura a

universalização dessa diversidade cultural, criando-se segmentos de consumidores transnacionais (SANTOS E LOPES, 1997).

Em relação a outra estrutura que compõe o currículo, Canen e Moreira (2005), destacam a importância da discussão do papel da cultura na formação docente, no redimensionamento político e acadêmico da atividade docente no sentido de realçar os aspectos de ordem cultural. Coraza (2007) cita que “o planejamento de ensino é uma prática (re) negada no trabalho de educação dos professores” e, inclusive, defende que o planejamento de ensino, prática negada pelas pedagogias (neo) liberais, pode ser reconsiderada pelas escolas críticas de educação de professores para ampliar e rearticular o esforço educacional. Silva (2009), nessa mesma questão cita que os professores e professoras devem ser vistos como “intelectuais transformadores” e não como técnicos ou burocratas.

Considerando todos esses aspectos que estão às voltas das estruturas que fazem parte da composição do currículo, este estudo tem por objetivo promover um debate conceitual teórico, através de uma revisão bibliográfica, na tentativa de estabelecer os possíveis papéis do currículo e da docência na formação humana, no sentido de garantir uma identidade ao sujeito. Uma identidade imponderada pela sua cultura, e pelo seu lugar na sociedade impedindo de ser negado como ser humano. Também analisar os conceitos de multiculturalidade e interculturalidade como fatores importantes a serem abordados nos currículos para a formação mais humana que respeite as diferenças.

## **METODOLOGIA**

Esse artigo trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre os conceitos de currículo, suas aplicações e significados, sua relação com a formação humana, formação da identidade e importância do currículo no trabalho de reconhecimento das diferenças e das diferentes culturas existentes. A seleção dos autores e dos artigos partiram de uma pesquisa bibliográfica realizada no acervo eletrônico do portal de periódicos da CAPES.

A pesquisa bibliográfica é descrita por Fonseca (2002) como:

qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer ou que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. As conclusões não podem se apenas um resumo. O pesquisador tem de ter cuidado de selecionar e analisar cuidadosamente os documentos a pesquisar de modo a evitar comprometer a qualidade da pesquisa com erros resultantes de dados coletados ou processos de forma equivocada (FONSECA, 2009, pag. 31).

Gil (2008) cita que a pesquisa bibliográfica apresenta muita semelhança com a pesquisa documental, e o que difere uma da outra é a natureza das fontes, pois a pesquisa bibliográfica vai usar as contribuições de diversos autores sobre um assunto específico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### O currículo na perspectiva pós crítica

Diferente da teoria tradicional, as teorias críticas e pós críticas do currículo, argumentam que nenhuma teoria é neutra. As teorias tradicionais se preocupam com as questões de organização, por aceitar os conhecimentos e saberes dominantes. A teoria crítica envolve, dentre outros, conceitos como ideologia, reprodução social, poder, capitalismo, conscientização e resistência. Já a teoria pós crítica aborda os conceitos de identidade, diferença, subjetividade, cultura, gênero, raça, etnia e multiculturalismo e outros (SILVA, 2009).

Canen e Moreira (2005) consideram um dos cinco significados da palavra cultura, o qual deriva da antropologia e se refere aos significados compartilhados. Esse conceito enfatiza a dimensão simbólica, ou seja, os significados são atribuídos a linguagem. Quando um grupo faz parte da mesma cultura, compartilham de significados construídos,

ensinados e aprendidos nas práticas da linguagem. Assim, a palavra cultura “evoca um conjunto de práticas por meio dos quais os significados são produzidos e compartilhados em grupo”. Santos e Lopes (1997) citam a reflexão Forquim no livro de currículo e questões atuais, no sentido de que “o empreendimento educativo tem como responsabilidade transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura”. Podemos assim dizer que “a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última. (...), mas, reciprocamente dir-se-á (...) que a educação ‘realiza cultura’”.

O currículo por sua vez, se considerado como uma seleção de cultura, pode ser visto como práticas que produzem significados, pois é por meio dele que diferentes grupos sociais, expressam sua visão de mundo, “seu projeto social, sua verdade”. Com isso apresenta concepções semelhantes à da cultura (CANEN E MOREIRA, 2005). Leite (2005), designa que não é possível pensar educação, sem pensar, simultaneamente, na cultura e as relações existentes entre ambas. Canen e Moreira (2005) declaram que não podemos, por tanto, ignorar o que é privilegiado na escola e a forma como esse saber é dispensando. Hoje, o currículo ocupa um lugar privilegiado da atenção das autoridades, políticos, professores, especialistas. Isso se confirma pelas suas inúmeras reformulações em diversos graus de ensino e o número de trabalhos publicados nos eventos. No Brasil esse campo, parece ter atingido a maturidade por suas características dominantes terem se tornado complexo e multifacetado. Isso reflete na incorporação no currículo, de elementos pós-modernos dos estudos culturais, bem como as questões de gênero e raça. Toda e qualquer iniciativa na escola e no currículo deve integrar projetos emancipatórios que envolvam a construção de uma intersubjetividade livre que possa eliminar discursos de dominação introduzidos na comunicação (MOREIRA, 1997).

Isso pode ser confirmado pela incorporação de temas como etnias, religião e visão de mundo na nossa vida cotidiana. Os conflitos, as tensões, os choques e entre choques entre essas identidades culturais, suas lutas por afirmação e representação em políticas e práticas sociais, são temas que acabam ultrapassando o âmbito acadêmico (CANEN E MOREIRA, 2005).

Multiculturalidade e Interculturalidade

O processo de globalização e suas repercussões tem mostrado a necessidade de compartilhar valores referentes a preservação e a qualidade de vida e do planeta. Na educação, sobretudo no currículo, esse processo tem intensificado a homogeneização cultural pelos detentores de poder o que intensifica a afirmação do direito a diferença e o “fortalecimento de grupos marginalizados social e culturalmente”. Assim, com a globalização, ocorreu um crescimento de lideranças grupos políticos, e, ao mesmo aconteceu com grupos ativistas sociais de diferentes países, levando ao conhecimento da extensão de problemas políticos, sociais e ecológicos, mostrando a necessidade de soluções que ultrapasassem fronteiras nacionais em busca de alternativas de longo alcance (SANTOS E LOPES, 1997).

A escola é reconhecida como importante espaço para fortalecer as vozes dos grupos oprimidos, impondo como tarefa primordial dos educadores trabalhar para construir um “projeto pedagógico que expresse e dê sentido democrático à diversidade cultural”. Reconhecendo as diferentes culturas presentes nas escolas e valorizando e respeitando a cultura do outro, caso contrário:

a diversidade continuará sendo um obstáculo permanente para a solidariedade popular e para unidade de movimento operário (...), uma fonte inesgotável de oposições, de conflitos e de lutas internas: ofício contra ofício, povos contra povos e bairros contra bairros” (SANTOS E LOPES, 1997, pag.36).

Partindo dessa afirmação, Canen e Moreira (2005) destaca que ao identificar uma abordagem multiculturalista na educação, devemos verificar como está sendo feita a abordagem desse tema, se o discurso da pluralidade cultural está superando ou apenas mascarando as desigualdades e as exclusões de identidades culturais. No caso de estar mascarando, ao invés de reconhecer as concepções de multiculturalidade, o discurso não problematiza as relações desiguais de poder ou discriminatórias o que torna as tendências multiculturais liberais ou “folclóricas”, inferiorizando identidades culturais. O multiculturalismo é “tratado como, então, de forma exótica, folclórica, limitando-se a promoção de práticas de reconhecimento de padrões culturais diversificados, com seus ritmos, costumes e culinárias”.



Multiculturalismo, segundo Sacristán (2013), foi o rótulo dado a diversidade cultural presente na nossa realidade atual. Esse autor nos chama a atenção para duas alternativas que orientam esse termo. A primeira, ocorreu anos atrás com católicos e judeus por exemplo, diz respeito a incorporação das pautas culturais por imigrantes em sociedade que os recebem, levando-os a renúncia da própria identidade, o que o torna pior que o preconceito. A segunda, não ocorre a coesão social nem elimina as diferenças, une as culturas, mesmo com base na desconfiança, o que leva na compartimentação da sociedade.

Silvio (2009) afirma que de uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder, pois essas obrigaram as diferentes culturas étnicas, raciais e nacionais “ a viverem no mesmo espaço.

Esses fatos mostram que as duas alternativas são insuficientes, e destaca que para que haja uma relação entre os “culturalmente diferentes”, múltiplos vetores devem estar envolvidos, promovendo, dentre outras questões a inter-relação entre as diferentes culturas, surgindo espaço para a interculturalidade (SACRISTÁN, 2013).

Na escola, a interação cultural, abre espaço para que seja trabalhado os mecanismos de crítica e autocrítica às diferentes manifestações culturais, analisando seus aspectos repressivos, mecanismos de discriminação transcendendo para a afirmação de liberdade, autonomia e do respeito pelo outro (SANTOS E LOPES, 1997). O diálogo intercultural:

Não pode fluir se não for um diálogo livre de preconceito. Esses tópicos negativos a respeito do outro que é diferente, que estigmatizam aquele sobre quem recaem, constituem, o primeiro obstáculo que deve ser removido. [...] A tarefa humanizadora da educação deve ser feita, por tanto, com base na sensibilidade à justiça o que implica desde o respeito as diferenças e a concordância que o pluralismo é um valor, mas que não significa que deva aceitar como válido tudo aquilo o que faz parte da pluralidade daquilo que surge. (SACRISTÁ, 2013, pag.1129).

O autor citado afirma ainda que a interculturalidade não é somente um lugar sociológico, mas sim uma categoria ética (SACRISTÁ, 2013). Santos e Lopes (1997)

declaram que a palavra interculturalismo “expressa com mais nitidez uma posição mais progressista no trato da questão da diferença”, e que o prefixo inter favorece o sentido da troca, interação, reciprocidade e solidariedade.

#### Docência e formação cultural

No âmbito da formação docente, considerar a pluralidade cultural, implica em pensar em algumas formas de valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares, assim como refletir sobre os mecanismos discriminatórios presentes. Essas reflexões constituem a base do que tem sido denominado multiculturalismo em educação, que vem apresentar os objetivos e as possibilidades de uma prática pedagógica multiculturalmente orientada. Reclamam muitas polêmicas sobre esse tema, tornando-se necessário uma abordagem mais clara de suas teorias, seus desdobramentos, identificando suas tensões e possibilidades na “promoção de uma educação democrática, crítica e comprometida com o desenvolvimento de uma cidadania plural e participativa”. Para a perspectiva do currículo multicultural, a educação crítica, visa “promover o respeito pela diversidade” preparando o aluno para “o trabalho coletivo em prol da justiça social”, evidenciando as relações de poder que estão envolvidas na construção da diferença, criando oportunidade de sucesso para todos os alunos através do incentivo a habilidade e atitudes necessárias para o fortalecimento individual e coletivo, e o pensamento crítico (CANEN e MOREIRA, 2005).

O planejamento escolar, definido como “prática de avaliar e de planejar o ensino, e também considerado um fazer gerencial e tecnicista que serve para reprimir, controlar e disciplinar o trabalho docente e as ações dos estudantes”, pode ser utilizada, segundo Coraza (1997), como uma estratégia nas lutas culturais sim, o que contraria as teorias marxistas. Segundo autora, através de sua experiência prática vivida, relatada no livro currículo: questões atuais, planejar o ensino pode começar a ser realizado na formação docente com práticas pedagógicas que “capacitem o futuro professor a planejar e desenvolver currículos alternativos e contra hegemônicos”. Depois “divulgar essas práticas, colocando-as em circulação e em debate, para que possam inspirar outras” e assim “esperar que essas outras práticas sejam antagônicas às nossas, de modo que se

criem novas condições de emergência para repensar”, questionar e desconstruir “aquelas por nós positivadas”.

As professoras e os professores sempre estiveram, em todas as épocas envolvidos com o currículo antes mesmo do surgimento dessa palavra, e isso sugere que para atender a emergência desse campo, há necessidade da formação de um corpo especialista em currículo (Silva, 2009). Há uma necessidade de formar professores comprometidos em seu aperfeiçoamento constante e suas práticas, e assim utilizar seus conhecimentos de sua disciplina para criticar a realidade e buscar alternativas (CANEN E MOREIRA, 2005)

Não podemos deixar de citar Paulo Freire e sua visão com relação ao currículo programático, sobre a participação conjunta do educador e do educando em etapas na construção desse currículo, participação também das pessoas envolvidas no ato pedagógico, na construção de seus significados e suas próprias culturas (Silva, 2009).

## **CONCLUSÃO**

Partindo das palavras de Silva (2009), de que “currículo é documento de identidade”, podemos verificar que o currículo tem toda a importância, e até mesmo uma parcela de responsabilidade na formação da identidade do ser humano, assim como na garantia de poder manter sua cultural independente de que lugar no mundo ele se encontra. Na verdade, o currículo tem uma certa obrigação de garantir isso, já que mantém em seu contexto questões sobre a conhecimento. Conhecer novos materiais, estudiosos, as histórias do mundo, suas mudanças, religiões diferentes, a existência de novos lugares, e inclusive outros povos e outras pessoas.

Colocar em evidencia, levar os alunos ao conhecimento de que assim como somos diferenciados por características físicas, que muitas das vezes estão ligadas aos lugares onde cada povo vive, todas essas informações, o conhecimento, é o currículo, através da escola, que vai proporcionar ao aluno. Deixar - não sei se diferente é a palavra correta aqui - as diferenças evidentes dentro da sala de aula pode ser um fator importante não só na visão de que somos diferentes uns dos outros, como também na iniciativa daqueles que

se sentem não pertencer a determinado grupo, de poder assumir suas identidades, suas características, suas raízes, suas culturas. E que inclusive sua “visão de mundo”, como coloca Neto (1997), pode ser sim diferente de outros grupos devido ao seu contexto vivido e que talvez ainda viva.

A interculturalidade, e não mais a multiculturalidade, ganha seu espaço e parece vir para ficar definitivamente, justamente por permitir que as diferentes culturas se relacionem, se enxerguem e que aprendam a conviver cada uma, refletindo na sua própria cultura, com direitos e deveres.

O professor, por fazer parte do currículo, até mesmo antes da palavra existir, sempre será o mediador na sala de aula, e possivelmente fora dela, que vai abrir a oportunidade para as diferentes vozes, ter o conhecimento de que podem se manifestar, que elas têm esse direito. Isso poderá ser feito de várias maneiras como utilizando novas estratégias ou até mesmo estratégias tradicionais, mas com novas roupagens, objetivos críticos e emancipadores como exemplificou Coraza (1997).

## REFERÊNCIAS

CANEN, A.; MOREIRA A, F, B. **Ênfases e omissões de currículo**. 1ª e.d. Campinas: Papiro, 2001.

LEITE, A. O lugar da escola e do currículo na construção de uma educação intercultural. In: CANEN, A.; MOREIRA A, F, B (Orgs). **Ênfases e omissões de currículo**. 1ª e.d. Campinas: Papiro, 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**, Ceará, p. 20, mar. /mai. 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em 17 de jul. 2017

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008. 200 p. Disponível em: <[http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_metodos\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf)>. Acesso em 27 de jun. 2016.

MOREIRA, A, F, B (Org). **Currículo questões atuais**. 17ª e.d. Campinas: Papirus,1997.

CORAZA, S. M. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, A, F, B (Org). **Currículo questões atuais**. 17ª e.d. Campinas: Papirus,1997.

SANTOS L, L, C, P.; J, S, M, LOPES. Globalização, multiculturalismo e currículo.

MOREIRA, A, F, B (Org). **Currículo questões atuais**. 17ª e.d. Campinas: Papirus,1997.

VEIGA-NETO, A. Currículo e interdisciplinaridade. In: MOREIRA, A, F, B (Org). **Currículo questões atuais**. 17ª e.d. Campinas: Papirus,1997.

SACRISTÁN, G. S. **Saberes e incertezas sobre currículo**. [S.I]: Penso editora. 2013.

Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/10-%20Sacristan-%20Saberes%20e%20Incertezas%20sobre%20o%20Curriculo%20-%20Cap%201.pdf>>. Acesso em 20 mar.2017.

SILVA, T, T. **Documento de identidade**. 3e.d. BH: Autentica, 2009.